

Covas contra ataca

Franklin Martins

BRASÍLIA — Sete meses depois de ter recebido nas urnas a maior consagração eleitoral da história do país, coroando vinte anos de pregação em favor da democracia e das mudanças, o PMDB, em busca da identidade perdida, convocou sua convenção nacional para os dias 18 e 19 de julho. "Somos como albatroz que, quanto mais forte é a tempestade, mais alto voa", gostava de dizer Ulysses Guimarães, de cima dos palanques, nos tempos da ditadura.

Hoje, na calmaria do poder, com 22 governadores, 17 ministros e maioria na Câmara e no Senado, o PMDB está preso ao chão, distante da definição heróica feita no passado por Ulysses. Dividido e paralisado, não consegue votar unido nenhum ponto importante na Constituinte ou adotar uma posição oficial diante do Plano Bresser — uma questão que, apesar de mexer com o bolso de todos os brasileiros, não mereceu uma apreciação da direção do partido.

A própria convocação da convenção dividiu profundamente os pemedebistas. Recusada inicialmente pela executiva, mas apoiada pelo líder Mário Covas, ela só foi marcada depois que o deputado Maurício Fruet (PR) reuniu o número necessário de assinaturas de convencionais para sua convocação, num aberto desafio à autoridade de Ulysses.

Covas, o principal vitorioso na disputa, quer agora transformar a convenção num momento de afirmação do programa partidário e de sua liderança. Seguidamente desautorizado pelos setores conservadores do PMDB, acusado de "esquerdista" e "xista", ele quer sair da defensiva. "Até agora tenho sido líder apenas nas questões de ordem", desabafou esta semana, referindo-se à dificuldade de dirigir a bancada do partido na votação de questões políticas cruciais.

Planos — Ele espera que a convenção de julho deixe claro o que pensa o PMDB a respeito de reforma agrária, dívida externa, reserva de mercado, empresa nacional, entre outras questões. E, embora não pretenda fazer do mandato de Sarney e do regime político um cavalo de batalha, está seguro de que a convenção votará a favor de quatro anos e do parlamentarismo. De posse dessas definições, Covas pretende atuar na tribuna e nas articulações, tanto dentro da bancada como com os demais partidos, na defesa intransigente do programa partidário, que, espera, será reafirmado pelos convencionais.

Para sair vitorioso na convenção, o grupo de Covas já começou a trabalhar duro. Está sendo montado um esquema pesado para o dia da reunião, mostrando que o PMDB é um partido com trajetória definida, compromissos com o povo e história de lutas. No material em preparação, a principal estrela — involuntária, é claro — será Ulysses Guimarães. A volta às origens e a reafirmação da bandeira das mudanças serão os motes principais da estratégia política de Covas dentro da convenção.

Entre os vice-líderes mais próximos a Covas, além disso, amadurece a idéia de distribuir entre os convencionais um mapa detalhado sobre a atuação do PMDB na Constituinte, mostrando como votou cada parlamentar do partido em cada questão e lembrando as definições programáticas do partido sobre os temas. Ao levar para a convenção essa prestação de contas, Covas deixaria clara a disposição de não transigir com o que considera traições às definições partidárias e à intenção de mobilizar as bases em defesa do programa do PMDB.

O confronto — Três documentos estão sendo minuciosamente dissecados pelos parlamentares mais chegados a Covas: o programa do partido, de

indica que foi muito longe para poder voltar a ser o que era. Antes, explica esse parlamentar, Ulysses aliava-se à centro-esquerda do PMDB para isolar a direita. Agora, busca apoiar-se nos conservadores para enfraquecer os progressistas.

A reviravolta de que a luta pelo controle do partido, simbolizada no confronto Covas-Ulysses, será cada vez mais aguda faz com que o estado-maior do senador paulista já esteja de olho nos próximos lances. Dar condições a Covas para ser efetivamente um líder programático na Constituinte é o primeiro passo. Assim, ele poderá ser como anuncia um cartão de propaganda, no qual aparece sorridente na moldura tradicionalmente ocupada pelo Jeão da Metro, rugindo — "o leão da Constituinte". E atrair, nas conversas com governadores e nas corridas às bases, o maior apoio possível para o lance seguinte: as convenções municipais, regionais e nacional, de janeiro, fevereiro e abril do ano que vem. Aí, será decidido o controle do partido, na disputa provável entre o senador José Richa (PR), amigo e aliado de Covas e Ulysses. O grupo que vencer sairá na frente para sucessão do presidente José Sarney.

1980, o "Esperança e Mudança", de 1981, e as resoluções da convenção de 1986. Além disso, os principais discursos de Ulysses, ao longo da história do MDB/PMDB, serão compilados. A idéia é dar munição aos convencionais para cobrar coerência da executiva e dos parlamentares que têm votado contra as posições do partido, aliando-se ao bloco conservador na Constituinte.

A preparação para um duro confronto na convenção revela a análise dominante entre os parlamentares mais chegados a Covas. Para eles, as disputas atingiram um nível irreconciliável e tendem a dividir o partido. Não se trata mais, como no passado, de diferenças de opinião diante de situações momentâneas que ainda de estímulos distintos de luta por objetivos comuns. Agora, segundo esses deputados, a divisão é entre os que querem aplicar e os que desejam abandonar o programa do partido — uma divisão, portanto, com nítidas características ideológicas.

Muitos deles, até quando criticam asperamente Ulysses, revelam um certo desconforto por ter de combater o homem que, para eles, ao longo de quase duas décadas, foi um exemplo e um mito. Mas, conforme disse um dos vice-líderes de Covas, Ulysses mudou e tudo